

"Creio que um curso começa pelo meio, sempre se começa pelo meio, sempre já se está em alguma coisa, dentro de alguma coisa. E também se termina pelo meio." (Larrosa)

Entre trajetórias formativas de encontros e potências na educação

Inegavelmente, os trajetos de uma pesquisa em educação embrenham-se num percurso rizomático pela vida. São práticas e gestos que compõem a vida formativa. Narro num percurso em obra que emerge nas travessias formativas com outros, durante minha pesquisa de mestrado, experiências de encontro com trajetórias singulares num espaço habitualmente demarcado pela concepção de incompletude e falta: as Sala de Recursos Multifuncionais.

Cartografando experiências entre trajetórias de vidas, percebo que "uma trayectoria se hace y se recorre com otros, por otros, gracias a otros y a veces, apesar de outros". (NICASTRO & GRECO, 2012, p.48). Como um caminho em permanente construção, as trajetórias são imodeláveis e, na processualidade, afirmam a singularidade da caminhada.



Assim, começando pelo meio, por uma das experiências formativas com adolescentes, pais, funcionários na Sala de Recursos de uma Escola Pública, expressei sentidos daquilo que fluiu do encontro. O cotidiano dessas experiências vem nos mostrando que estar junto na educação é estar disponível para o outro (SKLIAR, 2015), é pensar com um olhar sensível às

práticas educativas, seja no espaço das salas de recursos, seja nas classes regulares ou em outros espaços de formação.

Nas relações entre vida e educação, ensaio...

E, em um dia de encontro com outras linguagens, aconteceu um bom encontro com a linguagem da música! Conversando sobre música fomos ouvindo alguns sons da natureza e pensamos na potência dos sons e como eles se comunicam com a gente. Produzimos sons com o corpo

(palmas, sons com os pés, voz, estalos de dedos) Sentimos os sons em roda e produzimos ritmos, nem sempre regulares, mas que possibilitavam experimentar singularmente os movimentos tecidos



coletivamente. Percebemos nesse encontro que vamos escavando o cotidiano institucionalizado do espaço e suspeitando de suas obviedades, possibilitando que ele seja também compreendido como um ambiente para múltiplas experimentações. Tais trajetórias formativas, antes de tudo, são, como expressa Deleuze (1996) um conjunto multilinear que está sujeito a variações de direção e traçam processos que estão sempre em desequilíbrio, produzindo linhas de forças que entrecruzam lugares.

Em um lugar em que a produção da normalidade se instaura politicamente na educação e na estruturação do espaço para práticas prescritas de acordo com as orientações legais, pensamos em outras maneiras de atuar, de forma que a relação com os estudantes não se coloque como problema, e sim, o conceito de normalidade. A potência da experiência narrada nos possibilita pensar pedagogicamente numa educação que acolha o sorriso, o toque, a conversa etc... e tragam para o cenário educativo o desejo de práticas que se contrapõem aos fluxos já dados a priori, mas que como resistências se produzam como gesto

humano, contando a educação pensada desde a micropolítica da vida humana no cotidiano da escola.

Referências:

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo? Retirado de: O mistério de Ariana. Ed. Vega – Passagens. Lisboa, 1996. Tradução e prefácio de Edmundo Cordeiro Disponível em: http://www.uc.pt/iii/ceis20/conceitos_dispositivos/programa/deleuze_dispositivo: Acesso em: 10/08/2018

NICASTRO, Sandra & GRECO, María Beatriz. Entre trayectorias: Escenas y pensamientos em espacios de formacion. 1 ed. 2 reimp- Rosario: Homo Spiens Ediciones, 2012.

SKLIAR, Carlos. Pedagogias de las diferencias: notas, fragmentos, incertidumbres. I Ed.Ciudad Autonoma de Buenos Aires. Centro de publicaciones Educativas y Material Didactico, 2017

Sobre o autor: Mestranda do Programa de Pós-graduação: Processos Formativos e desigualdades sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Orientadora Educacional na rede de educação básica do município de São Gonçalo, professora atuante na área de educação infantil da rede municipal de educação de Itaboraí e integrante do grupo de pesquisa Diferença e Alteridade na educação UERJ/FFP. raquel.rosa.reis@gmail.com